

Pensar questões de exclusão a partir de *Madame Bovary*¹

Fátima Outeirinho*

Universidade do Porto - ILCML

Resumo: O regresso ao romance de adultério que *Madame Bovary* também é, revisitando questões que se prendem com o papel e condição da mulher no espaço social ou a sua relação com o corpo e com o desejo, permite pensar práticas e memórias de exclusão com prolongamentos até ao presente, de novo lembrando que alguns modelos produtivos inquestionáveis, como esta obra de Gustave Flaubert, podem ainda contribuir para a reflexão em torno de dinâmicas atuais.

Palavras-chave: *Madame Bovary*, Flaubert, adultério, exclusão

Abstract: Returning to the adultery novel that *Madame Bovary* is as well, and revisiting issues related to the role and condition of women in the social space or their relationship with the body and desire, allow us to think about practices and memories of exclusion with extensions to the present, once again remembering that some unquestionable productive models like this work by Gustave Flaubert can still contribute to the reflection around current dynamics.

Keywords: *Madame Bovary*, Flaubert, adultery, exclusion

Em *Dicionário Sentimental do Adultério*, publicado em 2017, na entrada sobre Anna Karenina, Filipa Melo começa por formular a seguinte pergunta: “O que seria da (grande) literatura sem o adultério?” (Melo 2017: 105). Sem querer deter-me numa problematização do que se entende por tal, das fronteiras e/ou da relação entre o que se denomina de grande literatura e de literatura menor, importa-me apenas aqui

sublinhar a fecundidade de um tema para a qual a questão de Filipa Melo aponta, trazendo-nos de imediato à memória toda uma produção oitocentista romanesca, quer “um surto de romances de adultério” (Oliveira 2000: 45), quer uma produção dramática assente na adaptação de romances ou na criação de drama original. Tal produção que acolheu a temática do adultério, feminino, mas também masculino, pela sua circulação, nomeadamente pela tradução, extravasou de fronteiras nacionais, resultando nalguns casos na criação de uma rede intertextual não negligenciável, a qual tem vindo desde há muito a ser objeto de diversos estudos, através de abordagens críticas variadas.²

No que há temática do adultério feminino diz respeito, lembro, por exemplo, o importante trabalho de inscrição crítica comparatista de Teresa Martins de Oliveira, *A mulher e o adultério nos romances “O Primo Basílio” de Eça de Queirós e “Effi Briest” de Theodor Fontane*, que vai muito para além do estudo em torno dessas duas obras literárias, permitindo pensar, entre outros aspetos, questões contextuais não negligenciáveis.

A obra a partir da qual procurarei acerrar-me do fenómeno de exclusão da mulher será *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, vista por alguns como “romance matricial” (*ibidem*), “paradigma do romance de adultério” (Lourenço 2012: 415), forte modelo produtivo sem qualquer dúvida até aos dias de hoje, em diversos espaços mundiais e em diversos domínios da criação artística, desde o campo da literatura ao do cinema, passando pelo teatro ou pela banda desenhada, ou ainda na pintura ou na música.³

A instauração de um processo judicial ao autor ou a alargada e abundante receção crítica abundante que provocou são exemplos do impacto considerável que provocou aquando da sua publicação. Como muito bem sintetizou George Steiner,

The confrontation between public censorship and the claims of the responsible erotic imagination was itself the result of specific and by no means self-evident sociological circumstances. The libertine fiction of the eighteenth century had gone well beyond anything we find in Flaubert; a number of Balzac’s novels, such as *Le père Goriot* and *La rabouilleuse*, had silhouetted if not directly rendered motifs of sexual pathology, of scabrous sexual malaise far more lurid than anything in *Madame Bovary*. It was not literature that had changed or swerved to sudden license; the alteration lay in the consolidation of middle-class taste, in the assumption, so characteristic of the mid-nineteenth century, that bourgeois criteria of allowed sensibility, that the emotional habits and norms of mercantile culture, embodied a controlling ideal. (1978: 108-109)

Ainda em jeito preambular e no sentido de ir identificando marcas de exclusão, não gostaria deixar de referir três outras entradas do *Dicionário sentimental do adultério* que me parecem úteis para a reflexão: as entradas intituladas “Adulterium”, “Bovary, Madame. *Oui, c’est lui*” e “Doidas”, com o subtítulo “Adultério no feminino”. E

tão só com estas entradas, das múltiplas que o dicionário encerra, teríamos todo um programa. Permito-me, ainda assim, salientar apenas alguns dos eixos aí presentes. Em “Adulterium”, uma primeira e mais breve definição dicionarística pode ser encontrada: “Atualmente, adultério significa: relação sexual voluntária entre uma pessoa casada e alguém que não o seu cônjuge.” (Melo 2017: 13). Em “Bovary, Madame”, está grandemente em causa uma caracterização da escrita inovadora de Flaubert tantas vezes avessa a espartilhos estético-literários, sublinhando-se o uso da “objectividade não como opção moral, mas como técnica narrativa” (*idem*: 33); ora tal chamada de atenção prende-se com a polémica construção da figura feminina protagonista da história e, não por acaso, em índice onomástico no final da obra de Filipa Melo, surge Emma Bovary com remissão para esta entrada. Atentemos no que sobre a personagem e sobre Flaubert se diz:

Emma Bovary é apenas uma mulher que tem um marido simpático, mas aborrecido, que lhe comunicou mais o aborrecimento do que a simpatia. Ela peca por fastio, porque lhe aparece aquele outro homem à frente, porque sim, porque os seus fusíveis estavam feitos para se acenderem com aquela luz vermelha de Stop. E isto leva a que Flaubert, livre de explicações, justificações ou acusações, confie só na precisão da escrita para dizer, contar, dar a ver toda a importância dos acontecimentos. Pode parecer que o texto se aproxima da reportagem, mas não. É apenas literatura nova. Não diz tudo o que acontece, mostra-o. Parece mudo, mas é extremamente intenso. (*ibidem*)

De uma forma ligeira, Filipa Melo procura fazer perceber ao leitor o porquê de uma ausência de juízo moral por parte de Flaubert em torno do comportamento adúltero da personagem.

Na terceira e última entrada que destaco, “Doidas. Adultério no feminino”, importa à autora atentar na forma distinta de tratamento do adultério feminino e do adultério masculino, o último tolerado no espaço social, enquanto o primeiro é moralmente condenável e também objeto de punição, dentro de um quadro jurídico, por vezes também numa inscrição do comportamento feminino transgressor da ordem e manifestação de uma patologia mental (*idem*: 32-34), recorrendo para tal à história de adultério de Maria Adelaide, esposa de Alfredo da Cunha e internada compulsivamente num hospital psiquiátrico.

No que toca à receção de *Madame Bovary*, os ecos que ainda hoje encontramos neste *Dicionário sentimental do adultério*, dão conta afinal de todo um lastro crítico em filigrana, herdado de um tempo oitocentista com o qual se pode dialogar, para questionar, contestar, redizer, todo um conjunto de discursos da responsabilidade de figuras também elas criadoras literárias e contemporâneas de Flaubert que em 1857 na tribuna periodística fizeram ouvir a sua voz. Começo por lançar mão de Alexandre

Dumas, pai, que, numa curta recensão de *Madame Bovary*, no seu jornal *Le Monte-Cristo: journal hebdomadaire de romans, d'histoire, de voyages et de poésie* nos pode ajudar com a sinopse da obra. Segundo Dumas,

C'est l'histoire d'une femme sensuelle, fille d'un paysan, femme d'un médecin, maitresse d'un clerc d'avoué et d'un gentilhomme campagnard, s'empoisonnant avec de l'arsenic que lui laisse prendre un garçon pharmacien amoureux d'elle, et cela parce qu'elle ne peut payer douze mille francs de dettes contractées envers un usurier de province. Voilà toute l'intrigue, - voilà tout le drame -, qui remplit quatre volumes ordinaires - deux volumes édition Lévy. (Dumas 1857: 95)⁴

Ignorando nesta sucinta apresentação do texto de Flaubert toda a complexidade da personagem feminina e da história que ela vive, Alexandre Dumas na mesma recensão caracteriza ainda, de uma forma breve e disforicamente, todas as personagens que rodeiam Emma: “les caractères sont bien tracés, pleins de facettes mais désenchantants” (*ibidem*), afirmando que Flaubert não é dotado de uma grande imaginação, sendo a obra simplesmente um conjunto de detalhes. Interessa-me nesta breve nota crítica, registar a ausência do nome dessa mulher sensual de que fala Dumas e sobretudo a sua apresentação-caracterização sempre a partir da relação que estabelece com a figura masculina: **filha de, esposa de, amante de**. Neste texto, Emma nunca é pensada e identificada pela sua individualidade diferencial. E esta é desde logo uma forma de exclusão discriminatória da mulher no plano social para além, evidentemente, de ser uma leitura apressada, rasurada da obra, não identificando a inversão de papéis que, por vezes aí se opera, nem atentando no carácter transgressor do balanço que faz do ato de adultério. Lembro tão somente a conhecida passagem de *Madame Bovary*, após a cena de adultério entre Emma e Rodolphe, cena não narrada, porém inferida pelo leitor:

Mais, en s'apercevant dans la glace, elle s'étonna de son visage. Jamais elle n'avait eu ses yeux si grands, si noirs, ni d'une telle profondeur. Quelque chose de subtil épanou sur sa personne la transfigurait.

Elle se répétait : “J'ai un amant! un amant! se délectant à cette idée comme à celle d'une autre puberté qui lui serait survenue. (...)

N'avait-elle pas assez souffert ! Mais elle triomphait maintenant, et l'amour, si longtemps contenu, jaillissait tout entier avec des bouillonnements joyeux. Elle le savourait sans remords, sans inquiétude, sans trouble. (Flaubert 2016: 266)

Como lembra Mary Rice-DeFosse,

Au XIXe siècle, avec le Code Napoléon en particulier, la dichotomie des caractéristiques, des comportements, et des sphères d'activité masculins et féminins était fort marquée. Or, l'œuvre de Flaubert déstabilise cette opposition binaire. Ses personnages exhibent souvent des traits attribués au genre opposé ou résistent à la catégorisation conventionnelle de l'époque. (2017: 628)

E acrescenta ainda :

Si Flaubert privilégie une conception de l'art où le modèle idéal 'neutre' est en fait masculin, il réussit néanmoins dans ses écrits à créer une série de portraits et de récits qui perturbent toute notion conventionnelle ou stable du genre masculin. (*idem*: 629)

George Sand ou Baudelaire não deixam passar desapercibido tal facto numa figura feminina que, à época, não poderia como não vir a ser objeto de uma prática de exclusão não apenas pelo seu comportamento transgressor, mas precisamente pela exibição de traços habitualmente associados ao masculino. Assim, vemos George Sand afirmar:

Il a voulu que la femme dédaigneuse du réel fût folle et méprisable ; que le mari voué au réel fût d'une déplorable stupidité, et que la réalité ambiante, maison, ville, campagne, voisins, amis, tout fut écœurant de bêtise, de laideur et de tristesse, autour de ces deux personnages infortunés.

Madame Bovary est seule intelligente au milieu de cette réunion de crétins. Elle seule eût pu se reconnaître. Les autres s'en garderont bien. On ne corrige pas ce qui ne pense pas. Il est d'ailleurs évident que le livre n'a pas été fait en vue d'une moralité quelconque ; ce qui, entendons-le bien, ne prouve pas qu'il soit immoral ; car, ce qui est beau ne nuit jamais, et avec cette peinture du mal, M. Flaubert a su faire un très-beau livre. (Sand 1857)

E Baudelaire também ele observará :

Plusieurs critiques avaient dit: cette œuvre, vraiment belle par la minutie et la vivacité des descriptions, ne contient pas un seul personnage proverbial et légendaire, qui parle la conscience de l'auteur. (...)

Absurdité ! Éternelle et incorrigible confusion des fonctions et des genres ! - Une véritable œuvre d'art n'a pas besoin de réquisitoire. (Baudelaire 1857)

Sobre Emma, Baudelaire acrescentará ainda :

Quant au personnage intime, profond, de la fable, incontestablement c'est la femme adultère; elle seule, la victime déshonorée, possède toutes les grâces du héros. - Je disais tout

à l'heure qu'elle était presque mâle, et que l'auteur l'avait ornée (inconsciemment peut-être) de toutes les qualités viriles. (*ibidem*)

Muitos outros autores, folhetinistas encartados da época, contribuíram para pôr em destaque a transgressão de padrões morais defensores de uma vida feminina no recato do lar, a transgressão de uma representação do feminino ligada ao cultivo da virtude, ligada a um exercício devotado da maternidade. Contudo, recordemos apenas mais dois testemunhos da produção crítica que então se gerou.

Sainte-Beuve, figura respeitada da república das letras francesas, procurará distanciar-se da polémica atinente à imoralidade eventual da obra. Nesse sentido, a sua análise de *Madame Bovary* parte do seguinte princípio: “L’ouvrage appartient désormais à l’art, seulement à l’art, il n’est justiciable que de la critique, et celle-ci peut user de toute son indépendance en en parlant” (Sainte-Beuve 1857: 346). Na prossecução da sua abordagem da obra dirá que “L’œuvre est entièrement impersonnelle” (*idem*: 349), que Flaubert é um observador que “a le style” (*idem*: 351). E igualmente observa: “l’auteur de *Madame Bovary* n’a voulu que nous montrer jour par jour, minute par minute, son personnage en pensée et en action” (*idem*: 353); “Fils et frère de médecins distingués, M. Gustave Flaubert tient la plume comme d’autres le scalpel. Anatomistes et physiologistes je vous retrouve partout!” (*idem*: 363). Procurando atentar na arte narrativa de Flaubert, não deixará no entanto de notar sobre a personagem de Emma: “ses entrailles de mère sont mal préparées” (*idem*: 356).

Por sua vez, Barbey d’Aurevilly, polemista famoso, registará:

À coup sûr, M. Gustave Flaubert est trop intelligent pour n’avoir pas en lui les notions affermiées du bien et du mal ; mais il les invoque si peu qu’on est tenté de croire qu’il ne les a pas, et voilà pourquoi, à la première lecture de son livre, a retenti si haut ce grand cri d’immoralité qui, au fond, était une calomnie. Non, l’auteur de *Madame Bovary* n’était point immoral. Il n’était pas moral non plus. Il n’était qu’insensible... Originalité très-particulière ! (Barbey d’Aurevilly 1857)

Esta desadequada acusação de insensibilidade que ignora ou não compreende um modo de pensar o fazer literário e que assenta numa consciente procura de neutralidade da instância de narração, funciona finalmente como testemunho involuntário da capacidade que Flaubert teve em atingir tal objetivo, convicto que estava que o que importava em arte era desde logo o processo de criação artística e o objeto criado em si ou, como escreve Steiner,

Flaubert does no less than assert - an assertion the more trenchant for being wholly a matter of mountainous technical labour, of professional *métier* carried to the verge of personal breakdown - that artistic excellence, the high seriousness of the true artist,

carries its own complete moral justification. Even as it comes to active being in a sphere strangely between truth and falsehood, the work of art lies outside any code of current ethical convention.

It acts on that code, qualifying and re-shaping it towards a more catholic response to human diversity. But it lies outside, and its true morality is internal. The justification of a work of literature is, in the deep sense; it resides in the wealth, difficulty, evocative force of the medium. (1978: 110)

Se revisitar textos críticos oitocentistas ou contemporâneos em torno de uma obra como *Madame Bovary* permite relembra questões ligadas a afastamentos ou aproximações estético-literárias - e não foi meu objetivo aqui pensar Flaubert face ao romantismo ou ao realismo mesmo quando os excertos aqui invocados para tal apontavam -, se esses mesmos textos possibilitam ainda pensar a arte narrativa flaubertiana, tal revisitação interessou-nos sobretudo pela constante convocação de uma dimensão social de inscrição do feminino no século XIX que a prática do adultério torna mais notória, ao ameaçar destruir padrões comportamentais e até, nalgum momento, construções de gênero binárias em uso, ao apontar afinal para um mundo às avessas. Com efeito, mesmo se as figuras femininas em *Madame Bovary* estão subordinadas e se definem pelos vínculos familiares - e lembro o modo de apresentação de personagens secundárias, sem nome próprio, como a mãe de Charles, “filha de um fabricante e chapéus”, mulher do pai de Charles, ou a primeira mulher de Charles, “viúva de um oficial de diligências” -, e se a história de uma prática de exclusão de Emma começa com o título da obra de Flaubert, com o seu primeiro capítulo e termina, intradiegeticamente, com o último capítulo da obra com a figura masculina a ocupar a centralidade da narrativa, certo é que Emma Bovary também se ergue numa construção diferencial pelo percurso de vida que faz, pelas suas escolhas, pela vivência de uma sexualidade feminina que se dá a ver ao leitor, pela recusa de passividade ou pela recusa do esperado exercício de maternidade. Figura transgressora, votada à exclusão, Emma é uma personagem que foge aos padrões da época não apenas pelas experiências de adultério que vive, mas ainda pela assunção do desejo e pela consciência e até orgulho numa vivência outra que quebra a própria representação do feminino: a mulher casta, fiel esposa e mãe, discreta, passiva...

Regressar então ao romance de adultério que *Madame Bovary* também é, revisitando questões que se prendem com o papel e condição da mulher no espaço social ou a sua relação com o corpo e com o desejo, contribuirá, cremos nós, para pensar memórias e práticas de exclusão, com prolongamentos até ao presente, e de que os vestígios de algum androcentrismo e de um padrão moral dúplice, ainda nos nossos dias, são o sinal.

Notas

* Maria de Fátima Outeirinho é Professora Aaociada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde lecciona nas áreas dos Estudos Franceses e da Literatura Comparada, tendo-se doutorado precisamente nesta última área de conhecimento com uma tese sobre *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras* (2003). Integra o grupo Inter/transculturalidades no quadro do projecto Literatura e fronteiras do conhecimento: políticas de inclusão do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, no âmbito do qual desenvolve investigação, nomeadamente, no domínio da Literatura de Viagens, campo também de docência. Tem como principais domínios de investigação a Literatura Comparada, Literatura e Cultura Francesas (Séculos XVIII e XIX), Relações Literárias e Culturais Portugal-França, Estudos sobre as Mulheres, Literatura de Viagens. É autora e organizadora de diversos estudos críticos nestes domínios.

¹ Este artigo insere-se na investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no “UIDB/00500/2020”.

² Cf. Sire, Dominique (2009), *Madame Bovary de Gustave Flaubert e O Primo Basílio de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros Horizonte ou Lourenço, António Apolinário (2012), “De Madame Bovary ao Primo Basílio: a singularidade bovarista de Luísa”, *Letras de Hoje*, pp. 413-419.

³ O site Centre Flaubert desenvolvido pelo CÉRÉdl, Centre d’Études et de Recherches Éditer/ Interpréter, sediado na Universidade de Rouen, é bem significativo a esse respeito como base de dados que vale a pena explorar. Cf. <https://flaubert.univ-rouen.fr/derives/mb.php>.

⁴ O negrito é da nossa responsabilidade.

Bibliografia

- Barbey d’Aurevilly, Jules (1857), “*Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert”, *Le Pays*, 6 octobre 1857, https://flaubert.univ-rouen.fr/etudes/madame_bovary/mb_bar.php, consultado a 20-10-19.
- Baudelaire, Charles (1857), *L’Artiste*, 18 octobre.
- Dumas, Alexandre (1857), *Le Monte-Cristo: journal hebdomadaire de romans, d’histoire, de voyages et de poésie*, 28 mai 1857 <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2052762/f15.image.langFR> (consultado a 20-10-19).
- Flaubert, Gustave (2016), *Madame Bovary*, Paris, Librairie Générale Française.

- Gustave Flaubert*, <https://flaubert.univ-rouen.fr/derives/> (consultado a 20-10-19).
- Melo, Filipa (2017), *Dicionário sentimental do adultério*, Lisboa, Quetzal.
- Oliveira, Teresa Martins de (2000), *A mulher e o adultério nos romances O Primo Basílio de Eça de Queirós e Effi Briest de Theodor Fontane*, Coimbra, Almedina.
- Rice-DEFosse, Mary (2017), “Gender studies, *Dictionnaire Flaubert*”, Paris, Honoré Champion, pp. 628-629.
- Sainte-Beuve (1857-1862), “*Madame Bovary* par M. Gustave Flaubert”, *Causeries du lundi*, t. XIII, pp. 346-363 [4 mai 1857].
- Sand, George (1857), “Le réalisme”, *Le Courrier de Paris*, 8 juillet 1857, https://flaubert.univ-rouen.fr/etudes/madame_bovary/mb_san.php (consultado a 20-10-19).
- Sire, Dominique, (2009), *Madame Bovary de Gustave Flaubert e o Primo Basílio de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Steiner, George (1978), “Eros and idiom”, in *On difficulty and other essays*, Oxford, Oxford University Press, pp. 95-136.